

## JOÃO PINTO DA SILVA: UM CRÍTICO ENTRE DUAS ÉPOCAS

Wilson Chagas

### 1. SITUAÇÃO HISTÓRICA

Na "fase áurea" do modernismo rio-grandense, entre 1925 e 1929, ao lado de escritores que procuram inovar, como Augusto Meyer, Theodemiro Tostes, Vargas Neto, Darcy Azambuja e Rui Cirne Lima, Lígia Chiapini Moraes Leite situa, "como irmãos mais velhos, tolerantes, discordando em elementos circunstanciais, mas concordando com o espírito de renovação e dinamismo que os impelia: João Pinto da Silva e Eduardo Guimaraens".<sup>1</sup> Esclarece ainda que não pode "deixar de incluir também, nesse grupo central, Moysés Vellinho (Paulo Arinos)", embora ele não conseguisse aceitar a ala mais radical do Movimento, preferindo os *Epigramas* de Ronald de Carvalho à *Paulicéia desvairada*, de Mário e a *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade.<sup>2</sup> Nesse período figura, além desses, Carlos Dante de Moraes entre os colaboradores mais assíduos na imprensa.

Por sua vez, Augusto Meyer aponta, nas suas reminiscências de *No tempo da flor*, os dois críticos que nos anos 20 aqui se destacavam: Moysés Vellinho e João Pinto da Silva.<sup>3</sup> No entanto, são as primeiras manifestações, tanto de Moysés Vellinho (e Carlos Dante de Moraes) como do próprio Augusto Meyer, na crítica literária, que presenciamos nos anos 20. Nenhum deles publicaria livro no gênero, senão posteriormente, sendo essa a razão por que abordamos apenas a obra de João Pinto da Silva.

Classifica-o Tristão de Athayde na geração parnasiana de que o crítico rio-grandense teria guardado "um decidido sabor no estilo e no gosto".<sup>4</sup> Nota ainda, embora matizando a crítica, "uma certa inclinação (em João Pinto) a coisas já passadas, não só na forma mas mais ainda em espírito".<sup>5</sup>

Tanto como Agripino Grieco, na referência a ele feita por João Luiz Lafetá, poderíamos dizer que João Pinto da Silva "vem de antes do Modernismo, da fase eclética que marcou o começo do século em nosso país".<sup>6</sup> Ele pertence, mais propriamente, à primeira década do século, quando publicou *Vultos do meu caminho* (1918); em 26 e 27 reeditaria esse livro, em dois volumes (I e II séries), com acréscimos de novos ensaios; tendo ainda sobrado capítulos para a sua *História literária do Rio Grande do Sul*, editada em 1924. Além disso, publicou, em 22, *Fisionomia de novos* e encerraria a década de 20 com uma obra de interpretação histórica: *A província de São Pedro*.<sup>7</sup>

Nascido em Jaguarão, em 1889, João Pinto da Silva serviu como secretário da presidência do Estado, ao tempo da administração de Getúlio Vargas, de 1928 a 1930, tendo vivido em Porto Alegre durante vinte anos, de 1910 a 1930, quando se afastou para sempre do Rio Grande do Sul para seguir a carreira diplomática. Faleceu em 1950, em Genebra, onde exercia as funções de Cônsul Geral do Brasil.

## 2. "UM VAGO IDEAL ECLÉTICO"

No Prefácio de *Fisionomia de novos*, que é de 1921 — um ano antes da Semana de Arte Moderna — escrevia ele que "a literatura, por toda parte, experimenta agora o mal (ou o bem?) da ausência de escolas, que são sempre as grandes agremiadoras e até selecionadoras de atividades. Na prosa, como no verso, o que domina é um vago ideal eclético mescla bicolor de romantismo e realismo, de parnasianismo e simbolismo".<sup>8</sup>

A linguagem, o vocabulário usado por João Pinto da Silva é típico da sua estesia; mostram a sua capacidade de admirar, é certo, mas também um certo preciosismo de estilo. O gosto do adjetivo espetaculoso (como "magnífico", "formidável", "prestigioso", "admirável", "esplêndido", "maravilhoso"...) denuncia a pobreza dos seus processos de aferição dos valores literários, a falta de uma disciplina rigorosamente intelectual no seu método crítico. Analisando *Fisionomia de novos*, Tristão de Athayde não deixou de ressaltar "o dom da simpatia" que distingue o crítico rio-grandense — requisito essencial "para o exercício do gosto, que nos dá a compreensão".<sup>9</sup> Ressalva, porém, que a simpatia no crítico "de-

ve ser um sentimento puramente estético, sem relação direta com o impulso afetivo", o que nem sempre acontece "na crítica do Sr. João Pinto da Silva, cujo espírito de simpatia, por vezes, parece participar, a um tempo, dos dois caracteres".<sup>10</sup> E acrescenta que essa "fusão de estesia e de afeto (...) comunica ao autor certa timidez de conceitos e certa flutuação, pelo desejo de ser polido, de não magoar ou mesmo de agradar".<sup>11</sup>

Entre os melhores estudos de João Pinto da Silva figura aquele sobre Rodó, em *Vultos do meu caminho*: é um belo ensaio, onde se vê quão profundo era, nele, o sentimento da unidade dos povos latino-americanos, ideal pelo qual se batia o pensador uruguaio. Mas cabe, aqui, o reparo crítico de Carpeaux: "Rodó não defendeu, na verdade, a civilização latino-americana, e sim a cultura afrancesada de uma classe ociosa de esnobes que sabiam conformar-se com pequenas e grandes ditaduras e que viviam, no fundo, da prosperidade superficial que o imperialismo americano criara, colocando seus capitais na América 'arielista'".<sup>12</sup> João Pinto não era, no entanto, insensível às idéias novas, ao progresso social; haja vista o paralelo que estabeleceu entre Rodó e Ingenieros — este, possuindo "a compreensão nítida do Presidente, na história e na vida", e "suscetível de grandes visões proféticas, em seu idealismo revolucionário, ao passo que Rodó foi sempre tradicionalista, imbuído duma espécie de superstição mística do Passado".<sup>13</sup> Não esqueçamos que Ingenieros chegou a apoiar a Revolução Russa — ou a "vitória maximalista na Rússia",<sup>14</sup> como se dizia então.

*Os Vultos* de 1926, 1ª série, é o seu melhor livro de crítica, porque equilibrado, harmonioso, tanto na forma como no fundo. A vocação para a crônica, aliás, é patente em alguns desses vultos do seu caminho, como é o caso da evocação do D. Quixote emancipado de Cervantes, na crônica intitulada "Miguel de Cervantes". Domina nele o espírito de *causerie*, à Sainte-Beuve: apraz-lhe conversar com o leitor, trazendo à baila um assunto qualquer, de algum modo relacionado com o escritor ou a obra em estudo. É, de resto, do crítico das *Causeries du lundi* que ele tirou o seu método de rastrear na personalidade do autor a chave da obra.

A galeria de retratos infantis de Anatole France leva-o naturalmente a perguntar-se como seria o escritor, em criança. E, em certos personagens infantis, diz ele que Anatole pôs "muito da sua alma, das suas predileções, dos seus defeitos".<sup>15</sup> No estudo sobre Euclides ele evoca, de saída, a figura moral do autor de *Os ser-*

tões. É outro estudo, esse, aliás, que tem o feitiço de crônica. O crítico borboleteia de um assunto a outro, sem fixar-se em nenhum deles. Evoca desde os processos de composição do estilista, até os acontecimentos da sua vida malograda, passando pelos borrões de manuscritos do escritor, inclusive do seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras.

O estilo de João Pinto é recheado de expressões enfáticas. De Celso Vieira, por exemplo, diz que "é um agil e vigoroso espírito, armado de esplêndida noção helênica da Beleza".<sup>16</sup> "Nobre estilista", é outro qualificativo que dá a esse autor.<sup>17</sup> A sua prosa tem derrapadas de mau gosto, como quando fala no "ônus infernal e divino de viver".<sup>18</sup>

Eis outra amostra do seu discurso crítico, na seguinte passagem, tirada do ensaio sobre Vicente de Carvalho, nos *Vultos do meu caminho*, 2ª série:

"Através dos vasos sonoros das suas estrofes, geralmente perfeitas, passo, numa circulação alta e serena, o sangue irreal das emoções mais prestigiosas. Imagine-se o coração do lírico delicadíssimo das Noites a bater, maravilhosamente, dentro da caixa torácica do burlador radioso dos Troféus..."

"Os versos de Vicente de Carvalho, num apuro inexcelsível de forma, falam sempre às imateriais radículas ultra-sensíveis de nossa alma. Lendo-os, fica-nos no cérebro a mais doce impressão; mas, é principalmente sobre a sede clássica do sentimento, sobre o dínamo cardíaco, que eles exercem sua maior influência."<sup>19</sup>

### 3. ENTRE A CRÔNICA E O ENSAIO

No Prefácio à 1ª edição de *História literária do Rio Grande do Sul* salientava João Pinto que, "em matéria de crítica literária, tudo está por fazer, aqui",<sup>20</sup> e declarava não aspirar a sua *História* a outro papel "senão ao de simples subsídio para a obra definitiva do crítico de amanhã".<sup>21</sup> E isso, que ele pretendeu, temos que o conseguimos.

Não encontramos nessa obra o apuro formal de *Vultos do meu caminho*, sobretudo a 1ª série. Além disso, falta-lhe organicidade, não havendo maior aglutinação entre seus diversos capítulos. Falta-lhe, em suma, acabamento, como obra de historiografia literária. Não pensa assim Moysés Vellinho, para quem "o mais importante dos livros de João Pinto da Silva é o que consagrou à história

da literatura rio-grandense".<sup>22</sup> Pode-se, porém, concordar com o autor de *Letras da província* quando assevera que a *História literária do Rio Grande do Sul*, "quaisquer que sejam (...) os reparos de que é passível, (...) constitui o maior e único esforço até (então) empreendido entre nós no sentido de um levantamento sistemático dos elementos e valores que formam o processo literário do Rio Grande do Sul".<sup>23</sup>

O espírito *belle époque* está presente neste, como nos demais livros de João Pinto da Silva: ele pagou duro tributo ao parnasianismo e ao simbolismo, ou a uma mescla estilística de ambos. Fala, com relação a Whitman, Emerson e Edgar Poe, em "círculos mentais".<sup>24</sup> Grandes termos, como "eterna", "infinito", "perene", "imortal", lhe pontilham o discurso, de leitura por vezes festidiosa. Vejam este trecho da *História literária*, onde fala do romântico Lobo da Costa, o atribulado poeta de Pelotas. Às mulheres, escreve ele, "especialmente às bonitas" (...) devemos todos nós infinita condescendência e perdão inesgotável. Não são elas, afinal, as proprietárias, ou usufruárias de nós todos? Que seria da nossa vida, sem as suas faltas deliciosas e sem os seus esplêndidos caprichos?<sup>25</sup> Convenhamos que é levar longe demais as exigências da galanteria.

Ele se situa a meio caminho entre a crônica e o ensaio. Aliás, o título das suas três coletâneas: *Fisionomia de novos e Vultos do meu caminho* (esta, em dois volumes), diz bem da sua maneira de fazer crítica: através da obra ele procura divisar o "vulto", a "fisionomia" do autor. Carlos Dante de Moraes notou bem esse traço — ainda nos anos 20, quando do lançamento dos seus livros. Em artigo que consagrou à sua obra, escrevia esse crítico: "Quer nos *Vultos do meu caminho*, quer na *História literária do Rio Grande do Sul*, podem ver como é freqüente ele procurar o homem por si, com a sua vida sentimental, as suas desditas, o seu caráter, as suas manias, os seus imperativos morais, e o que é mais, sem o intuito direto, muitas vezes, de com eles esclarecer a obra. Simpatia humana, que se resolve no crítico em curiosidade moral".<sup>26</sup>

De Marcelo Gama, diz que a recusa do poeta em ser funcionário público — "essa vida de inércia exaustiva, corrosiva, que tem sido a perdição e o castigo de muita gente", como assinala o crítico<sup>27</sup> — o fato, enfim, de ser ele um inamansável, e esta própria palavra, "aclara, num relâmpago decisivo, a sua compli-

cada psicologia".<sup>28</sup> A respeito de Apolinário Porto Alegre, fala dos obstáculos que se lhe antepõem ao "estudo da (sua) complexa personalidade", já que "não teve a ventura de chegar a tempo de lhe surpreender o talento em ação".<sup>29</sup>

Sempre que conheceu pessoalmente o escritor cuja obra analisa, não deixa de "apresentar" o seu personagem ao leitor. Típico desse procedimento é a introdução ao estudo da obra de Vitor Silva, poeta parnasiano, natural do Rio de Janeiro, aqui chegado em 1897 e que dirigiu a Biblioteca Pública do Estado até 1922, data do seu falecimento. Aliás, a respeito de Vitor Silva, o crítico e historiador literário chega a mencionar os grifos e comentários que o poeta apusera no seu exemplar de *Les fleurs du mal*, adquirido em Paris (exemplar que veio, afinal, a pertencer a ele, João Pinto).<sup>30</sup> E tudo para concluir que "quem sente assim Baudelaire, não podia ser um parnasiano absoluto".<sup>31</sup> Depois, quando passa a examinar-lhe a obra, transcreve um soneto, e comenta: "Esses versos, bem examinados, valem, em suas linhas gerais, por uma página de autobiografia. Explicam a ordem de princípios artísticos a que Vitor Silva obedecia, explicando-lhe, também, e ao mesmo tempo, as tendências morais mais recônditas".<sup>32</sup>

É comum vermos o crítico distrair-se da obra em estudo para fazer variações em torno de temas que ela lhe sugere. É assim que, a propósito do soneto "Caim", ainda de Vitor Silva, ele rememora os diversos Cains que, desde o "Gênesis", passando por Dante, vão desembocar em Leconte de Lisle e no satanismo baudelaireano.

Sobre Barbosa Neto, seu conterrâneo de Jaguarão, e a quem o ligaram, como escreve, "sólidos laços de amizade literária e pessoal",<sup>33</sup> declara, no intróito do estudo que lhe dedicou: "É com fraternal emoção que recordo, neste momento, a sua fisionomia límpida, risonha, de onde o tempo não havia conseguido varrer ainda algumas linhas infantis, — aquele vago ar de criança, enfim, que era, talvez, uma emanação da sua bondade".<sup>34</sup>

Ao finalizar esse estudo, o crítico volta ao tema pessoal na poesia de Barbosa Neto. Interessa-se pelo que possa haver de confidencial, ou autobiográfico, nos sonetos parnasianos do vate jaguarense. "Há dele páginas — escreve João Pinto — através das quais se lhe vêem não poucos recantos do temperamento. Tanto é exato aquilo de que, por mais impessoais que queiram ser, por mais que ocultem a sua sensibilidade, num excesso de pudor, fur-tando à análise da crítica o que possuem de mais recôndito, os

artistas são forçados a deixar sempre nas suas obras a sua fisionomia moral. Um quadro, uma estátua, uma sinfonia, um poema, ninguém o ignora, é sempre, realmente, de qualquer forma, na imagem velha e sacra, — a verônica do seu autor".<sup>35</sup>

Conta como procurou em vão, durante vários meses, em Porto Alegre o poeta Zeferino Brasil, "munido de fatal carta de recomendação",<sup>36</sup> para afinal encontrá-lo. Vale a pena transcrever esta parte do seu texto/depoimento: "Chegado, havia pouco, de Jaguarão, onde tinha lido (Deus sabe com que funda emoção admirativa!) a *Vovó Musa* e a *Visão do ópio*, todo o meu desejo era vê-lo, pessoalmente, verificar se a sua fisionomia, se o seu todo exterior correspondia ao tipo que eu imaginava. A ingenuidade dos meus dezoito anos!"<sup>37</sup> Vejam como essa palavra — "fisionomia" — retorna: era ela que o crítico queria verificar, *in loco*, digo, pessoalmente.

A metade dos ensaios constantes de *Vultos do meu caminho*, na sua 1ª edição, que eram sobre autores gaúchos, foram transportados para a *História literária do Rio Grande do Sul*, publicada em 1924. Sucede, pois, que pelo menos boa parte dessa obra foi escrita, ainda, na primeira década deste século. E o mesmo ocorre, como vimos, com os ensaios de *Vultos do meu caminho* que, embora remodelados, continuaram a figurar nos dois volumes em que essa obra foi desdobrada, nos anos 20. Representa máximo do beltrismo na crítica, João Pinto da Silva ficou como que ensanduchado entre duas épocas: a do parnasiano-simbolismo, donde provinha, e a do modernismo triunfante, que ele, não obstante as aparências, não chegou a compreender nem aceitar.

#### 4. TRISTÃO DE ATHAYDE EM FACE DE JOÃO PINTO, OU JOÃO PINTO EM FACE DO MODERNISMO

Quem muito bem advertiu, na época, onde estava o ponto fraco da visão crítica de João Pinto da Silva — e precisamente no ensaio "A poesia nova e o Rio Grande", constante da 2ª série dos *Vultos do meu caminho* — foi Tristão de Athayde. João Pinto, referindo-se à tentativa de emancipação literária do nosso indianismo, fazia ali um balanço melancólico de tal movimento nos seguintes termos:

"... Que ficou dele? Alguns poemas de Gonçalves Dias e dois ou três romances de Alencar. O esforço em prol dessa maioria espiritual morreu, prestes, no olvido. Com que volúpia, com que rapidez, tornamos aos nossos velhos amores europeus!

É que era prematuro, como ainda hoje, qualquer ensaio de rompimento. A nossa consciência nacional, a 'mentalidade brasileira', enfim, estava e está em formação, na vagarosa assimilação de elementos heterogêneos, oriundos de várias raças e latitudes.

Quando tivermos configuração mental própria, a nossa literatura, a literatura que será nosso espelho e síntese, resultante dos nossos defeitos e virtudes, surgirá naturalmente como, na imagem macróbia e taetina, sêe da planta a flor e da flor o fruto, em fases sucessivas e intransmutáveis."<sup>38</sup>

Ressalva, a seguir, que não vai em suas palavras "condenação ou censura ao esforço atual dos nossos modernistas", declarando ser obra meritória o que "fizerem no sentido de incluir o Brasil dentro do raio visual dos brasileiros..."<sup>39</sup>

Tristão de Athayde, analisando o livro de João Pinto no artigo citado inicialmente, não deixa passar sem rebate a posição defendida pelo crítico gaúcho em face do problema. "Como um apurado espírito do fim do século XIX, que é — escreve o autor dos *Estudos* — acredita, mais no que se faz em nós do que naquilo que nós podemos fazer por nós. Hoje em dia, com a experiência que a história nos tem revelado, e com a marcha do pensamento em cada um de nós, chegamos a conclusões muito mais favoráveis à possibilidade da ação brusca, livre, imprevista do homem, contrariando o curso das coisas".<sup>40</sup>

É visível, nessa "resposta" de Tristão de Athayde, o confronto de duas mentalidades. Dum lado, um movimento novo, que irrompia confiante nas próprias forças, acreditando na necessidade da mudança — portanto, firme na sua decisão de fazer História. De outro, a voz desconsolada de quem se acantonava em experiências decepcionantes do Passado para descrever do esforço por renovar a nossa literatura.

"É mistér não esquecer, em todo caso, — advertia ainda o crítico gaúcho — que, como assinalou H. S. Chamberlain, na sua obra monumental sobre a *Gênese do século XIX*, a Hélade, modelo de fecundidade original, gastou mais ou menos oitocentos anos para se libertar da influência do Egito e da Assíria e construir, por fim, o Partenon..."<sup>41</sup> Portanto, ele recomendava nada menos do que o quietismo, não acreditando como escreveu Tristão de Athayde, naquilo que podemos fazer por nós mesmos.

## 5. DOS "ÍDOLOS DO PAMPA" À "PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO"

Desde o início, vinha João Pinto prometendo dois livros: "Ídolos do Pampa" (estudos sobre a evolução social do Rio Grande) e "Tribunos e Publicistas do Rio Grande". A *província de São Pedro* constituía o 1º tomo de um tríptico sobre o Rio Grande do Sul, do qual a *História literária* era a 2ª parte; a 3ª, sobre "Tribunos e Publicistas do Rio Grande", compreendia a história dos partidos políticos,<sup>42</sup> e o autor não chegou a publicar. No Prefácio de *A província de São Pedro* ele diz porque, em vez do primeiro livro anunciado, terminou escrevendo esse outro. "Preferi, afinal, a visão de conjunto à pormenorização dos acidentes e façanhas individuais".<sup>44</sup>

João Pinto atribui a resistência do homem rio-grandense aos embates da nossa formação histórica — em suas próprias palavras, "a todas as deterioradoras conseqüências oriundas da sua absorvente atividade belicosa"<sup>45</sup> — "à circunstância de não haver sido abundante, em nossas reservas demográficas, a mescla de sangue inferiores, afro-aborígenes".<sup>46</sup> Devemos ser compreensivos: a mentalidade racista dominava, então, em amplos círculos, pretensamente com base científica. Não esqueçamos que o valor da mestiçagem somente com Gilberto Freyre veio a ser reconhecido entre nós: e *Casa grande & senzala* apareceu em 1933. Não terá sido esse um dos pontos da abertura modernista em nosso país que João Pinto, longe do Brasil desde 1930, não conseguiu assimilar, explicando-se assim o seu silêncio após essa data? E, com ele, não seria o Brasil moderno que o crítico gaúcho deixou de compreender?

"Foi o que acima demonstrei".<sup>47</sup> Essa é uma expressão bem característica do espírito de Pinto da Silva. Com ele não há meios termos. As suas opiniões são rígidas, e dogmaticamente expostas.

É justamente essa falta de flexibilidade que explica, creio, o impasse com que se deparou o crítico e historiador rio-grandense, quando advertiu que os tempos estavam mudados — mas sem compreender que se impunha, por isso mesmo, uma revisão de seus pontos de vista. Significativamente, João Pinto da Silva deixou o Brasil no fim da República Velha.

Fala no "passageiro retraimento do espírito conservador das sociedades",<sup>48</sup> ao defender a sua tese heterodoxa de que o prolongamento da Revolução Farroupilha se deveu sobretudo ao predomínio de grupos radicais em nosso meio. Conhecem todos a posição de João Pinto da Silva, contra o prolongamento da guerra civil. Segundo ele, "nunca o Rio Grande foi menos ele próprio, nunca pensou e obrou menos por si mesmo do que durante essa revolução".<sup>49</sup> Escreve ele, ainda, a respeito: "O predomínio de intuítos e planos radicais, de um e de outro lado, denuncia, sobretudo, uma dessas alarmantes crises de bom senso coletivo que suscitam ou atraem as calamidades públicas".<sup>50</sup> Seria o caso de perguntar se a noção de "bom senso coletivo", aplicada aos processos sociais, não é de todo inadequada e infeliz... O eclipse do "bom senso coletivo" entre nós, naquela quadra, "durou nove anos". "Durante esse largo período, jogaram-se, através de todo o território da Província, inúmeros golpes fratricidas de incrível e inútil heroísmo".<sup>51</sup>

E então se compreende por que João Pinto desistiu do plano, em que chegara a trabalhar, de uma obra sobre os "Ídolos do Pampa". "O consciencioso estudo da história" — confessa ele, em trecho citado no início deste tópico — afastou-o, "a pouco e pouco, do primitivo plano. A Terra acabou vencendo os Homens, através do meu inquérito (escreve Terra e Homem, com maiúsculas). No todo, diluíram-se, gradualmente, as partes. Preferi, afinal, a visão de conjunto à pormenorização dos acidentes e façanhas individuais. Foi assim que, em vez dos "Ídolos do Pampa", escrevi *A província de São Pedro*".<sup>52</sup>

Cabe a nós, agora, perguntar: foi a sua desilusão quanto aos homens — que deixaram de ser "ídolos", a seus olhos — que o levou a escrever essa obra de "interpretação da história do Rio Grande" (subtítulo do livro)? E sobretudo: foi ainda essa mesma atitude de espírito a responsável pelo silêncio de João Pinto da Silva, nos vinte anos subseqüentes à publicação de *A província de São Pedro*?

## NOTAS

1. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo, USP, 1972, p. 300.
2. *Id.*, *ibid.*
3. Cf. CARVALHAL, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 4.
4. Artigo reproduzido na página literária do *Diário de Notícias de Porto Alegre*, 01 jan. 1928.
5. *Id.*, *ibid.*
6. LAFETÁ, João Luiz. *A crítica e o modernismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1974, p. 29.
7. Da bibliografia de João Pinto da Silva constam, ainda: *Estalactites, versos* (1910), e *Bolhas de espuma, crônicas* (1920).
8. SILVA, João Pinto da. *Fisionomia de novos*. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1922, XI-XII.
9. LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*. Rio de Janeiro, Aguiar, 1966, p. 688.
10. *Id.*, *ibid.*
11. *Op. cit.*, p. 689.
12. CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. VI. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964, v. VI, p. 2701.
13. SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho*, 2.ed., 1ª série, Porto Alegre, Globo, 1926, p. 122.
14. *Op. cit.*, p. 120.
15. *Op. cit.*, p. 205.
16. SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho*, 2.ed., 2ª série, Porto Alegre, Globo, 1927, p. 107.
17. *Op. cit.*, p. 108.
18. *Op. cit.*, p. 149.
19. *Op. cit.*, p. 117-8.
20. SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*, 2.ed., Porto Alegre, Globo, 1930, XV.
21. *Op. cit.*, XIX.
22. VELLINHO, Moysés. *Letras da província*, 2.ed., Porto Alegre, Globo, 1960, p. 213.
23. *Op. cit.*, p. 214.
24. SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*, *cit.*, p. 251.
25. *Op. cit.*, p. 49.
26. MORAES, Carlos Dante de. "Um crítico ilustre do Rio Grande" — *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18 set. 1927. Página literária.
27. SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*, *cit.*, p. 98.
28. *Id.*, *ibid.*
29. *Op. cit.*, p. 139.
30. *Op. cit.*, p. 207.
31. *Op. cit.*, p. 205.
32. *Op. cit.*, p. 206.
33. *Op. cit.*, p. 212.
34. *Id.*, *ibid.*
35. *Op. cit.*, p. 221.
36. *Op. cit.*, p. 83.
37. *Op. cit.*, p. 84.
38. SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho*, 2ª série, *cit.*, p. 173.

39. Op. cit., p. 174.
40. Ver nota 4.
41. SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho*, 2ª série, cit., p. 174-5.
42. Op. cit., p. 175.
43. "Advertência" à 1ª edição da *História literária do Rio Grande do Sul*, in op. cit., 2.ed., XV.
44. SILVA, João Pinto da. *A província de São Pedro*. Porto Alegre, Globo, 1930, XIV.
45. Op. cit., p. 63.
46. Op. cit., p. 64.
47. Op. cit., p. 97.
48. Op. cit., p. 178.
49. Op. cit., VI.
50. Op. cit., p. 178.
51. Op. cit., p. 179.
52. Op. cit., XIV.